

Landesbibliothek Oldenburg

Digitalisierung von Drucken

Obras De Luis de Camoens

Camões, Luis de

Paris, 1759

Canto IX.

urn:nbn:de:gbv:45:1-2633



CANTO IX.

ARGUMENTO.

*Parte de Calecut o Lusitano,
Com as alegres novas do Oriente,
E no meyo do tumido Oceano,
Venus lhe mostra huma insula excellente:
Aqui de todo bem sofrido dano,
Acha repouso assaz conveniente,
E com Ninjas gentis o mais do dia
Em festas passa, & jogos de alegria.*

I.

Tiverão longamente na Cidade,
Sem venderse a fazenda, os dous feitores,
Que os infieis por manha, & faldade,
Fazem, que não lha compré mercadores:
Que todo seu proposito, & vontade
Era de ter alli os descubridores
Da India, tanto tempo, que viessem
De Meca as naos, que as suas desfizessem.

Bb iij

I I.

Lá no feyo Eritreo , onde fundada
 Arfinoe foi do Egyptio Ptolomeu ,
 Do nome da irmã sua assi chamada ,
 Que depois em Suez se converteu :
 Não longe o porto jáz da nomeada
 Cidade Meca , que se engrandeceu
 Com a superstiçaõ falsa , & profana ,
 Da religiosa agoa Mahometana.

I I I.

Gidà se chama o porto , aonde o trato
 De todo o roxo mar mais florescia ,
 De que tinha proveito grande , & grato
 O Soldaõ , que esse Reyno possuia :
 Daqui aos Malabares , por contrato
 Dos infieis , fermosa companhia
 De grandes naos , pello Indico Oceano ,
 Especiaria vem buscar cada anno.

I V.

Por estas naos os Mouros esperavaõ ,
 Que como fossem grandes , & possantes
 Aquellas , que o comercio lhe tomavaõ ,
 Com flamas abrafassem crepitanes :
 Neste socorro tanto confiavaõ ,
 Que ja não querem mais dos navegantes ,
 Senão que tanto tempo alli tardassem ,
 Que da famosa Meca as naos chegassem.

V.

Mas o Governador dos Ceos , & gentes ,
 Que para quanto tem determinado ,
 De longe os meyoſ dá convenientes ,
 Por onde vem a effeito o fim fadado :
 Inſluío piedoſos accidentes
 De aſſeicão em Monçaide , que guardado
 Eſtava para dar ao Gama avifo ,
 E merecer por iſto o Paraifo.

V I.

Eſte, de quem ſe os Mouros não guardavão,
 Por ſer Mouro como elles , antes era
 Participante em quanto machinavaõ ,
 A tenção lhe deſcobre torpe , & fera :
 Muitas vezes às naos , que longe eſtavão ,
 Viſita , & com piedade confidera
 O dano , & ſem ração , que ſe lhe ordena
 Pella malina gente Sarracena.

V I I.

Informa o cauto Gama das armadas ,
 Que da Arabica Meca vem cada anno ,
 Que agora ſão dos ſeus taõ deſejadas ,
 Para ſer instrumento deſte dano :
 Dizlhe , que vem de gente carregadas ,
 E dos trovoés horrendos de Vulcano ,
 E que póde ſer dellas oprimido ,
 Segundo eſtava mal apercebido.



VIII.

O Gama, que tambem considerava
 O tempo, que para a partida o chama,
 E que despacho ja não esperava
 Melhor do Rey, que os Mahometanos ama:
 Aos feitores, que em terra estaõ, mandava,
 Que se tornem às naos, & porque a fama
 Desta subita vinda os não impida,
 Lhes manda, que a fizessem escondida.

IX.

Porém não tardou muito, que voando
 Hum rumor não foasse com verdade,
 Que foraõ presos os feitores, quando
 Foraõ sentidos virse da Cidade:
 Esta fama as orelhas penetrando
 Do sabio Capitaõ, com brevidade
 Faz reprefaria nuns, que às naos vierão
 A vender pedraria, que trouxerão.

X.

Eraõ estes antigos mercadores,
 Ricos em Calecut, & conhecidos,
 Da falta delles, logo entre os melhores
 Sentido foi, que estaõ no mar retidos;
 Mas ja nas naos os bons trabalhadores
 Vovem o cabrestante, & repartidos
 Pello trabalho, huns puxaõ pella amarra,
 Outros quebraõ co peito duro a barra.

X I.

Outros pendem da verga , & ja defatão
 A vella , que com grita se soltava ,
 Quando com maior grita ao Rey relatão
 A preffa , com que a armada se levava :
 As mulheres , & filhos , que se matão
 Daquelles que vão presos , aonde estava
 O Samorí , se queixaõ , que perdidos
 Huns tem os pays , as outras os maridos.

X I I.

Manda logo os feitores Lusitanos ,
 Com toda sua fazenda livremente ,
 A pesar dos inimigos Mahometanos ,
 Porque lhe torne a sua presa gente :
 Disculpas manda o Rey de seus enganos ,
 Recebe o Capitaõ de melhor mente
 Os presos , que as disculpas , & tomando
 Alguns negros , se parte , as vellas dando.

X I I I.

Partefe costa abaixo , porque entende ,
 Que em vão co Rey gentio trabalhava ,
 Em querer d'elle paz , a qual pretende
 Por tomar o commercio , que tratava :
 Mas como aquella terra , que se estende
 Pella Aurora sabida ja deixava ;
 Com estas novas torna à patria cara ,
 Certos finaes levando , do que achára.

X I V .

Leva alguns Malabares , que tomou
 Por força , dos que o Samorí mandára ,
 Quando os presos feitores lhe tornou ,
 Leva pimenta ardente , que comprára :
 A fecca flor de Banda não ficou ,
 A Noz , & o negro Cravo , que faz clara
 A nova Ilha Maluco , co a Canella ,
 Com que Ceilaó he rica , illustre , & bella.

X V .

Isto tudo lhe houvera a diligencia
 De Monçaide fiel , que tambem leva ,
 Que inspirado de Angelica influencia ,
 Quer no livro de Christo , que se escreva :
 O' ditoso Africano , que a clemencia
 Divina assi tirou de escura treva ,
 E tam longe da patria , achou maneira
 Para subir à patria verdadeira.

X V I .

Apartadas assi da ardente côsta ,
 As venturofas naos levando a proa
 Para onde a natureza tinha pôsta
 A meta Austrina da esperança boa ;
 Levando alegres novas , & reposta
 Da parte Oriental para Lisboa ,
 Outra vez cometendo os duros medos
 Do mar incerto , timidos , & ledos.

XVII.

O prazer de chegar à patria cara ,
 A seus penates caros , & parentes ,
 Para contar a peregrina , & rara
 Navegação , os varios Ceos & gentes ,
 Vir a lograr o premio , que ganhâra
 Por taõ longos trabalhos , & accidentes ,
 Cada hum o tem por gosto tão perfeito ,
 Que o coração para elle he vaso estreito .

XVIII.

Porém a Deosa Cypria , que ordenada
 Era para favor dos Lusitanos ,
 Do Padre Eterno , & por bon genio dada ,
 Que sempre os guia ja de longos annos ;
 A gloria por trabalhos alcançada ,
 Satisfação de bem sofridos danos ,
 Lhe andava ja ordenando , & pretendia
 Dar lhe nos mares tristes alegria .

XIX.

Depois de ter hum pouco revolvido
 Na mente o largo mar , que navegarão ,
 Os trabalhos , que pello Deos nacido
 Nas Anfitoneas Thebas se causarão :
 Ja trazia de longe no sentido ,
 Para premio de quanto mal passarão ,
 Buscarlhe algum deleite , algum descanso
 No Reyno do cristal liquido & manço .



X X.

Algun repouso em fim , com que pudeffe
 Refucilar a lasta humanidade
 Dos navegantes seus , como interesse
 Dos trabalhos , que incurta a breve idade :
 Parecelhe razão , que conta dèsse
 A seu filho , por cuja potestade
 Os Deoses faz decer ao vil terreno ,
 E os humanos subir ao Ceo sereno.

X X I.

Isto bem revolvido , determina
 De terlhe aparelhada là no meyo
 Das agoas , alguma insula divina ,
 Ornada de esmaltado , & verde arreyo :
 Que muitas tem no Reyno , que confina
 Com a primeira do terreno seyo ,
 Afóra as que possue soberanas ,
 Para dentro das portas Herculananas.

X X I I.

Alli quer , que as aquaticas donzellas
 Esperem os fortissimos varoens ,
 Todas as que tem titulos de bellas ,
 Gloria dos olhos , dor dos coraçoens ;
 Com danças , & coreas , porque nellas
 Influidrà secretas affeiçoens ,
 Para com mais vontade trabalharem
 De contentar , a quem se affeiçoarem.

Tal

X X I I I.

Tal manha buscou ja , para que aquelle ,
 Que de Anchifes pario , bem recebido
 Fosse no campo , que a bovina pelle
 Tomou de espaço por sutil partido :
 Seu filho vai buscar , porque sò nelle
 Tem todo seu poder (fero Cupido)
 Que assi como n'aquella empresa antiga
 A ajudou ja , nestoutra a ajude , & figa .

X X I V.

No carro junta as aves , que na vida
 Vão da morte as exequias celebrando ,
 E aquellas , em que ja foi convertida ,
 Periftera , as boninas apanhando :
 Em derredor da Deosa ja partida ,
 No ar lascivos beijos se vaó dando ;
 Ella por onde passa o ar , & o vento
 Sereno faz , com brando movimento .

X X V.

Ja lá sobre os Idalios montes pende ,
 Onde o filho frêcheiro estava então ,
 Ajuntando outros muitos , que pretende
 Fazer huma famosa expedição ,
 Contra o mundo rebelde , porque entende
 Erros grandes , que ha dias nelle estão ,
 Amando coufas , que nos forão dadas ,
 Não para ser amadas , mas usadas .

Tom. I.

Cc



X X V I.

Via Ateon na caça taõ aufero ,
 De cego na alegria bruta , infana ,
 Que por seguir hum feo animal fero ,
 Foge da gente , & bella forma humana :
 E por castigo quer doce , & severo ,
 Mostrar lhe a fermosura de Diana ,
 E guardese não seja inda comido
 Desses caés , que agora ama , & consumido.

X X V I I.

E vê do mundo todo os principaes ,
 Que nenhum no bem publico imagina ,
 Vê nelles , que não tem amor a mais ,
 Que a si sòmente , & a quem Filaucia ensina :
 Vê , que elles , que frequentão os reaes
 Paços , por verdadeira , & sam doutrina ,
 Vendem adulação , que mal consente
 Mondarfe o novo trigo florecente.

X X V I I I.

Vê , que aquelles , que devem à pobreza
 Amor divino , & ao povo charidade ,
 Amão sòmente mandos , & riqueza ,
 Simulando justiça , & integridade :
 Da fea tyrania , & da aspereza ,
 Fazem diteito , & vãa severidade ,
 Leys em favor do Rey se estabelecem ,
 As em favor do povo sò perecem.

X X I X.

Vê em fim , que ninguém ama o que deve,
 Senão o que sómente mal deseja ,
 Não quer que tanto tempo se releve ,
 O castigo ; que duro , & justo seja :
 Seus ministros ajunta , porque leve
 Exercitos conformes à peleja ,
 Que espera ter co a mal regida gente ,
 Que lhe não for agora obediente.

X X X.

Muitos destes mininos voadores
 Hião em varias obras trabalhando ,
 Huns amolando ferros passadores ,
 Outros asteas de ferro adelgaçando :
 Trabalhando , cantando vão de amores
 Varios casos em verso modulando ,
 Melodia fonora , & concertada ,
 Suave a letra , angelica a toada.

X X X I.

Nas fragoas immortaes , onde forjavão
 Para as setas as pontas penetrantes ,
 Por lenha , coraçoes ardendo estavão ,
 Vivas entranhas inda palpitantes :
 As agoas onde os ferros temperavão ,
 Lagrimas são de miseros amantes ,
 A viva flama , o nunca morto lume ,
 Desejo he só , que quecima , & não consume.

X X X I I .

Alguns exercitando a mão andavão
 Nos duros coraçãoes da plebe dura ,
 Crebros suspiros pello ar foavão ,
 Dos que feridos vaõ da seta aguda :
 Fermosas Ninfas faõ , as que curavão
 As chagas recebidas , cuja ajuda
 Não sòmente dà vida aos mais feridos ,
 Mas poem em vida os inda não nacidos.

X X X I I I .

Fermosas faõ algumas , & outras feas ,
 Segundo a qualidade for das chagas ,
 Que o veneno espalhado pellas veas ,
 Curaõno às vezes asperas triagas :
 Alguns ficão ligados em cadeas ,
 Por palavras subtís de fabias Magas ,
 Isto acontece às vezes , quando as setas
 Acertaõ de levar ervas secretas.

X X X I V .

Destes tiros assi desordenados ,
 Que estes moços mal destros vaõ tirando ,
 Nacem amores mil desconcertados ,
 Entre o povo ferido miserando :
 E tambem nos heroes de altos estados ,
 Exemplos mil se vem de amor nefando ,
 Qual o das moças Bibli , & Cynirèa ,
 Hum mancebo de Affiria , hum de Judèa ,

XXXV.

E vòs, ó poderosos, por pastoras
 Muitas vezes ferido o peito vedes,
 E por baixos & rudes, vòs, senhoras,
 Tambem vos tomaõ as Vulcaneas redes:
 Huns esperando andais nocturnas horas,
 Outros fubis telhados, & paredes,
 Mas eu creço, que deste amor indino,
 He mais culpa a da mãy, que a do minino.

XXXVI.

Mas ja no verde prado o carro leve
 Punhaõ os brancos Cisnes mançamente,
 E Diõne, que as rosas entre a neve,
 No rosto traz, decia diligente:
 O frecheiro, que contra o Ceo se atreve,
 A recebela vem ledo, & contente,
 Vem todos os Cupidos servidores,
 Beijar a mãõ à Deosa dos amores.

XXXVII.

Ella porque não gaste o tempo em vão,
 Nos braços tendo o filho, confiada
 Lhe diz, amado filho, em cuja mãõ
 Toda minha potencia está fundada:
 Filho, em quem minhas forças sempre estão,
 Tu, que as armas Tifeas tens em nada,
 A focorrer me a tua potestade,
 Me traz especial necessidade.

Cc iij

XXXVII.

Bem vês as Lusitanicas fadigas ,
 Que eu ja de muito longe favoreço ,
 Porque das Parcas sei minhas amigas ,
 Que me hão de venerar , & ter em preço :
 E porque tanto imitaõ as antigas
 Obras de meus Romanos , me offereço
 A lhes dar tanta ajuda em quanto posso ,
 A quanto se estender o poder nosso.

XXXIX.

E porque das infidias do odioso
 Bacco , foraõ na India molestados ,
 E das injurias sós do mar undoso ,
 Puderaõ mais ser mortos , que cançados :
 No mesmo mar , que sempre temeroso
 Lhe foi , quero que sejaõ repoufados ,
 Tomando aquelle premio , & doce gloria
 Do trabalho , que faz clara a memoria.

XL.

E para isso queria , que feridas
 As filhas de Meréo , no ponto fundo ,
 Do amor dos Lusitanos encendidas ,
 Que vem de descubrir o novo mundo :
 Todas numa Ilha juntas , & subidas ,
 Ilha , que nas entranhas do profundo
 Oceano terei aparelhada ,
 De doês de Flora , & Zefiro adornada.

X L I.

Alli com mil refrescos , & manjares ,
 Cominhos odoríferos , & rosas ,
 Em cristalinos paços singulares ,
 Fermosos leitões , & ellas mais fermosas :
 Em fim com mil deleites não vulgares ,
 Os esperem as Ninfas amorosas ,
 De amor feridas , para lhe entregarem
 Quanto dellas os olhos cobiçarem.

X L I I.

Quero que haja no Reyno Neptunino ,
 Onde eu naci , progenie forte , & bella ,
 E tome exemplo o mundo vil , malino ,
 Que contra tua potencia se rebela :
 Porque entendaõ , que muro adamantino ,
 Nem triste hypocrisia val contra ella ,
 Mal havera na terra quem se guarde ,
 Se teu fogo immortal nas agoas arde.

X L I I I.

Affi Venus propoz , & o filho iniquo ,
 Para lhe obedecer ja se apercebe ,
 Manda trazer o arco eburneo rico ,
 Onde as setas de pontas de ouro embebe :
 Com gesto ledo a Cypria , & impudico ,
 Dentro no carro o filho seu recebe
 A redea larga às aves , cujo canto ,
 A Factonea morte chorou tanto.

X L I V.

Mas, diz Cupido, que era necessaria
 Hũa formosa, & celebre terceira,
 Que posto que mil vezes lhe he contraria,
 Outras muitas tem por companheira:
 A Deosa Gigantea temeraria,
 Jactante, mentirosa, & verdadeira,
 Que com cem olhos vê, & por onde voa,
 O que vê com mil bocas apregoa.

X L V.

Vãona buscar, & mandãona diante,
 Que celebrando vã com tuba clara,
 Os louvores da gente navegante,
 Mais do que nunca os d'outrem celebrã:
 Já murmurando a fama penetrante
 Pelas fundas cavernas se espalhã,
 Fala verdade, havida por verdade,
 Que junto a Deosa traz Credulidade.

X L V I.

O louvor grande, o rumor excellente,
 No coração dos Deoses, que indinados
 Foraõ por Bacco contra a illustre gente,
 Mudando os fez hum pouco affeiçoados:
 O peito feminil, que levemente
 Muda quaisquer propositos tomados,
 Já julga por mau zelo, & por cruza
 Desejar mal a tanta fortaleza.

X L V I I.

Despede nisto o fero moço as fetas ,
 Húa apoz outra , geme o mar cos tiros ,
 Direitas pèlas ondas inquietas
 Algumas vão , & algumas fazem giros :
 Caem as Ninfas , lançaõ das secretas
 Entranhas ardentíssimos suspiros ,
 Cae qualquer , sem ver o vulto , que ama ,
 Que tanto como a vista pòde a fama.

X L V I I I.

Os cornos ajuntou da eburnea lúá ,
 Com força o moço indomito excessiva ,
 Que Thetis quer ferir mais que nenhúa ,
 Porque mais que nenhuma lhe era esquiua :
 Já não fica na aljava seta algúa ,
 Nem nos equoreos campos Ninfa viva ,
 E se feridas inda estão vivendo ,
 Será para sentir , que vão morrendo.

X L I X.

Dai lugar altas , & ceruleas ondas ,
 Que vedes Venus traz a medicina ,
 Mostrando as brancas vellas , & redondas ,
 Que vem pór cima da agoa Neptunina :
 Para que tu reciproco respondas ,
 Ardente amor , á flama feminina ,
 He forçado , que a pudicia honesta
 Faça quanto lhe Venus amoesta.

L.

Ja todo o bello coro se aparelha
 Das Nereidas , & junto caminhava
 Em coreas gentis , ufança velha ,
 Para a Ilha , a que Venus as guiava :
 Alli a fermosa Deosa lhe aconselha ,
 O que ella fez mil vezes , quando amava ;
 Ellas , que vão do doce amor vencidas ,
 Estão a feu conselho offerecidas.

L I.

Cortando vão as naos a larga via
 Do mar ingente , para a patria amada ,
 Desejando proverse de agoa fria ,
 Para a grande viagem prolongada :
 Quando juntas com subita alegria
 Houverão vista da Ilha namorada ,
 Rompendo pello Ceo a mãy fermosa
 De Memnonio suave , & deleitosa.

L I I.

De longe a Ilha viraõ fresca , & bella ,
 Que Venus pellas ondas lha levava
 (Bem como o vento leva branca vella)
 Para onde a forte armada se enxergava :
 Que porque não passassem sem que nella
 Tomassem porto , como desejava ,
 Para onde as naos navegação a movia
 A Accidalia , que tudo em fim podia.

L I I I.

Mas firme a fez , & immovel , como vio ,
 Que era dos Nautas vista , & demandada ,
 Qual ficou Delos , tanto que pario
 Latona Febo , & a Deosa à caça usada :
 Para lá logo a proa o már abriu ;
 Onde a costa fazia hũa enceáda
 Curva , & quieta , cuja branca arêa ,
 Pintou de ruivas conchas Cytherêa.

L I V.

Tres fermosos outeiros se mostravão
 Erguidos com soberba graciosa ,
 Que de gramineo esmalte se adornavão ,
 Na fermosa Ilha alegre , & deleitosa :
 Claras fontes & liquidas manavaõ
 Do cume , que a verdura tem viçosa ;
 Por entre pedras alvas se diriva ,
 A sonorosa lympha fugitiva.

L V.

Núm valle ameno , que os outeiros fende ,
 Vinhão as claras agoas ajuntarse ,
 Onde huma mesa fazem , que se estende
 Tão bella , quanto pôde imaginar-se :
 Arvoredo gentil sobre ella pende ,
 Como que prompto está para enfeitarse ,
 Vendose no cristal resplandecente ,
 Que em fim o está pintado propriamente.



LVI.

Mil arvores estão ao Ceo subindo
 Com pomos odoriferos , & bellos ,
 A lorangeira tem no fruto lindo
 A cor ; que tinha Daphne nos cabellos :
 Encostase no chaõ , que está cahindo
 A cidreira cos pesos amarellas ,
 Os fermosos limoés , alli cheirando ,
 Estaõ virgineas tetas imitando.

LVII.

As arvores agrestes , que os outeiros
 Tem com frondente coma ennobrecidos ,
 Alamos faõ de Alcides , & os Loureiros
 Do louro Deos amados , & queridos :
 Mirtos de Cytherêa cos Pinheiros
 De Cybele , por outro amor vencidos ,
 Está apontando o agudo Cypariso
 Para onde he posto o eterno Paraíso.

LVIII.

Os doens , que da Pomõna , alli natura
 Produze diferentes nos sabores ,
 Sem ter necessidade de cultura ,
 Que sem ella se daõ muito melhores :
 As cerejas purpureas na pintura ,
 As amoras , que o nome tem de amores ,
 O pomo , que da patria Persia veyo ,
 Melhor tornado no terreno alheyo.

Abc

L I X.

Abre a Romãa, mostrando a rubicunda
 Cor, com que tu Ruby teu preço perdes,
 Entre os braços do ulmeiro está a jucunda
 Vide cús cachos roxos, & outros verdes:
 E vòs se na vossã arvore fecunda,
 Peras piramidais, viver quiserdes,
 Entregaiuos ao dano, que cos bicos
 Em vòs fazem os passaros iniquos.

L X.

Pois a tapeffaria bella & fina,
 Com que se cobre o rustico terreno,
 Faz ser a de Achemenia menos dina,
 Mas o sombrio valle mais ameno:
 Alli a cabeça a flor Cefisã inclina,
 Sobolo tanque lucido, & sereno,
 Florece o filho, & neto de Cyniras,
 Porquem tu, Deosa Pafia, inda suspiras.

L X I.

Para julgar difficil coufa fora,
 No Ceo vèdo, & na terra as mesmas cores
 Se dava às flores cor a bella Aurora,
 Ou se lha dão a ella as bellas flores:
 Pintando estava alli Zefiro & Flora
 As violas da cor dos amadores,
 O lirio roxo, a fresça rosa bella,
 Qual reluzze nas faces da donzella.

Tom. I.

D d



L X I I.

A candida Cecem das matutinas
 Lagrimas rociada, & a Manjarona;
 Vemse as letras nas flores Hyacintinas,
 Tão queridas do filho de Latona:
 Bem se enxerga nos pomos & boninas,
 Que competia Cloris com Pomona;
 Pois se as aves no ar cantando voão,
 Alegres animais o chão povoão.

L X I I I.

Ao longo da agoa o niveo Cifne canta,
 Responde lhe do ramo Filomella,
 Da sombra de seus cornos não se espanta,
 Aíteon n'agoa cristalina, & bella:
 Aqui a fugace Lebre se levanta
 Da espessa mata, ou timida Gazella,
 Alli no bico traz ao cáro ninho
 O mantimento o leve passarinho.

L X I V.

Nesta frescura tal desembarcãvão
 Já das nãos os segundos Argonautas,
 Onde pella floresta se deixãvão
 Andar as bellas Deosas, como incautas:
 Algũas doces cytharas tocãvão,
 Algũas arpas, & sonoras frautas,
 Outras cos arcs de ouro se fingião
 Seguir os animais, que não seguião,

L X V.

Assi lho aconselhara a mestra experta,
 Que andassem pellos campos espalhadas;
 Que vistas dos varões a preza incerta,
 Se fizessem primeiro dezejadas:
 Algúas, que na forma descuberta
 Do bello corpo estavão confiadas,
 Deposta a artificiosa fermofura,
 Nũas lavar se deixão na agoa pura.

L X V I.

Mas os fortes mancebos, que na praya
 Punhão os pés da terra cobigosos,
 Que não hã nenhũ delles, que não saya,
 De acharem caça agreste desejosos:
 Não cuidão que sem laço, ou redês caya,
 Caça naquelles montes deleitofos,
 Taõ suave domestica, & benina,
 Qual ferida lha tinha ja Ericina.

L X V I I.

Alguns, que em espingardas, & nas bêstas
 Para ferir os Ceryos se fiavaõ,
 Pelloz sombrios matos, & florestas,
 Determinadamente se lançavaõ;
 Outros nas sombras, que das altas festas
 Defendem a verdura passeávão,
 Aõ longo da agoa, que suave, & queda,
 Por alvas pedras corre à praya leda.

D d ij



L X V I I I.

Começãõ de enxergar fubitamente,
 Por entre verdes ramos varias cores,
 Cores, de quem a vista julga, & sente,
 Que não eram das rosas, ou das flores:
 Mas da lãa fina, & seda differente,
 Que mais incita a força dos amores,
 De que se vestem as humanas rosas,
 Fazendose por arte mais fermosas.

L X I X.

Dã Velofo espantado hum grande grito,
 Senhores, caça estranha, disse, he esta,
 Se inda dura o Gentio antigo rito,
 A Deofas he sagrada esta floresta:
 Mais descobrimos do que humano espirito
 Desejou nunca, & bem se manifesta,
 Que são grandes as coufas, & excellentes,
 Que o múdo encobre aos homés imprudétes.

L X X.

Sigamos estas Deofas, & vejamos,
 Se fantasticas são, se verdadeiras.
 Isto dito, velozes mais, que Gamos,
 Se lançãõ a correr pelas ribeiras:
 Fugindo as Ninfas vão por entre os ramos
 Mas mais industriosas, que ligeiras,
 Pouco & pouco furrindo, & gritos dando,
 Se deixãõ hir dos galgos alcançando.

LXXI.

De húa os cabellos de ouro o vento leva
 Correndo, & da outra as fraldas delicadas;
 Acendele o desejo, que se ceva
 Nas alvas carnes subito mostradas:
 Húa de industria cae, & ja releva
 Com mostras mais macias, que indinadas,
 Que sobre ella empeçando tambem caya,
 Quem a seguio pela arenosa praya.

LXXII.

Outros por outra parte vão topar,
 Com as Deosas despidas, que se lavaõ;
 Ellas começo subito a mostrar,
 Como que assalto tal não esperavaõ:
 Húas fingindo menos estimar
 A vergonha, que a força, se lançavaõ
 Nuas por entre o matto, aos olhos dando,
 O que às mãos cobigosas vão negando.

LXXIII.

Outra como acodindo mais depressa
 A' vergonha da Deosa caçadora,
 Esconde o corpo n'agoa, outra se apressa
 Por tomar os vestidos, que tem fora:
 Tal dos manebos ha que se arremessa,
 Vestido allí, & calçado, que co a mora
 De se despir ha medo, que inda tarde
 A matar na agoa o fogo, que nelle arde.

D d iij

L X X I V.

Qual caõ de caçador, fagaz & ardido,
 Usado a tomar na agoa ave ferida,
 Vendo no rosto o ferreo cano erguido,
 Para a Garcenha, ou Pata conhecida:
 Antes que soe o estouro, mal sofrido
 Salta na agoa, & da preza não duvida,
 Nadando vai, & latindo; assi o mancebo
 Remete, a que não era irmã de Febo.

L X X V.

Leonardo foldado bem desposto,
 Manhofo, cavaleiro, & namorado,
 A quem amor não dêra hum sò degosto,
 Mas sempre fora d'elle maltratado:
 E tinha já por firme presuposto
 Ser com amores mal afortunado,
 Porém não que perdesse a esperança,
 De inda poder seu fado ter mudança.

L X X V I.

Quiz aqui sua ventura, que corria
 Apoz Efire, exemplo de belleza,
 Que mais caro, que as outras dar quera,
 O que deu para dar-se a natureza:
 Ja cansado correndo lhe dizia,
 O fermofura indina de aspreza,
 Pois desta vida te concedo a palma,
 Espera hum corpo de quem levas a alma

L X X V I I.

Todas de correr canção, Ninfa pura,
 Rendendose à vontade do inimigo,
 Tu só de mi só foges na espessura,
 Quem te disse, que eu era o que te figo?
 Se to tem dito ja aquella ventura,
 Que em toda parte sempre anda comigo,
 O nãoa creas, porque eu quando a cria,
 Mil vezes cada hora me mentia.

L X X V I I I.

Não cances, que me canças, & se queres
 Fugirme, porque não possa tocarte,
 Minha ventura he tal, que inda que esperes,
 Ella fará que não possa alcançarte:
 Espera, quero ver, se tu quizeres,
 Que subtil modo buscas de escaparte,
 E notarás no fim deste successo,
 Tra la spica é la man, qual muro é mello.

L X X I X.

O não me fujas, assi nunca o breve
 Tempo fuja de tua fermosura,
 Que só com refrear o passo leve
 Vencerás da fortuna a força dura:
 Que Imperador, que exercito se atreve,
 A quebrantar a furia da ventura,
 Que em quanto desejei, me vai seguindo,
 O que tu só farás não me fugindo?

L X X X.

Poemste da parte da desdita minha,
 Fraqueza he dar ajuda ao mais potente;
 Levafme hum coração, que livre tinha,
 Soltamo, & correrás mais levemente:
 Não te carrega essa alma tão mesquinha,
 Que nesses fios de ouro reluzente
 Atada levas, ou depois de preza,
 Lhe mudaste a ventura, & menos peza.

L X X X I.

Nesta esperança sô te vou figuindo,
 Que, ou tu não soffrerás o peso della,
 Ou na virtude de teu gesto lindo,
 Lhe mudarás a triste, & dura estrella:
 E se se lhe mudar não vâs fugindo,
 Que amor te ferirá, gentil donzella,
 E tu me esperarás, se amor te fere,
 E se me esperas, não ha mais que esperê.

L X X X I I.

Já não fugia a bella Ninfa tanto,
 Por se dar cara ao triste que a seguia,
 Como por hir ouvindo o doce canto,
 As namoradas magoas, que dizia:
 Volvendo o rosto ja sereno, & fante,
 Toda banhada em riso & alegria,
 Cahir se deixa aos pês do vencedor,
 Que todo se desfaz em puro amor.

L X X X I I I.

O que famintos beijos na floresta,
 E que mimoso choro, que soava,
 Que afagos tão suaves, que ira honesta,
 Que em risinhos alegres se tornava!
 O que mais paixão na menhãa, & na festa,
 Que Venus com prazeres inflamava,
 Melhor he experimentálo, que julgálo,
 Mas julgueo, qué não pôde exprimentálo.

L X X X I V.

Desta arte em fim conforme ja as fermosas
 Ninfas cos seus amados navegantes,
 Os ornaõ de capellas deleitosas,
 De lóuro, & de ouro, & flores abundantes;
 As mãos alvas lhes davaõ como esposas,
 Com palavras formais, & estipulantes,
 Se prometem eterna companhia,
 Em vida, & morte de honra, & alegria.

L X X X V.

Húa dellas mayor, a quem se humilha
 Todo o coro das Ninfas, & obedece,
 Que dizem ser de Celeo, & Vesta filha,
 O que no gesto bello se parece:
 Enchendo a terra, & o mar de maravilha,
 O Capitaõ illustre, que o merece,
 Recebe alli com pompa honesta, & regia,
 Mostrandose senhora grande, & egregia.



L X X X V I.

Que depois de lhe ter dito quem era,
 Cum alto exordio de alta graça ornado,
 Dandolhe a entender, que alli viera
 Por alta influença do immobil fado:
 Para lhe descobrir da uuida esfera,
 Da terra immensa, & mar não navegado,
 Os segredos por alta profecia,
 O que esta sua nação só merecia.

L X X X V I I.

Tomandoo pella mão, o leva, & guia
 Para o cume dum monte alto, & divino,
 No qual húa rica fabrica se erguia
 De cristal toda, & de ouro puro, & fino:
 A mayor parte aqui passão do dia
 Em doces jogos, & em prazer contino,
 Ella nos paços logra seus amores,
 As outras pellas fombros, entre as flores.

L X X X V I I I.

Affi a fermosa, & forte companhia,
 O dia quasi todo estaõ passando,
 Núa alma, doce, & incognita alegria,
 Os trabalhos tam longos compéfando:
 Porque dos feitos grandes, da ousadia
 Forte, & famosa, o mundo estã guardando
 O premio lá no fim bem merecido,
 Com fama grande, nome alto, & subido.

L X X X I X.

Que as Ninfas do Oceano tam fermosas ,
 Thetis , & a Ilha angelica pintada ,
 Outra coufa não he , que as deleitosas
 Honras , que a vida fazem sublimada :
 Aquellas preminencias gloriosas ,
 Os triunfos , a fronte coroada
 De Palma & Louro , a gloria , & maravilha ,
 Estes são os deleites desta Ilha.

X C.

Que as immortalidades , que fingia
 A antiguidade , que os illustres ama ,
 Lá no estellante Olimpo , a que subia
 Sobre as azas inclitas da fama :
 Por obras valerosas , que fazia ,
 Pello trabalho immenso , que se chama
 Caminho da virtude alto , & fragoso ,
 Mas no fim doce , alegre , & deleitoso.

X C I.

Não erão senão premios , que reparte
 Por feitos immortaes , & soberanos ,
 O mundo cos varoés , que esforço , & arte ,
 Divinos os fizerão , sendo humanos :
 Que Jupiter , Mercurio , Febo , & Marte ,
 Eneas , & Quirino , & os dous Thebanos ,
 Ceres , Pallas , & Juno , com Diana ,
 Todos forão de fraca carne humana.



X C I I.

Mas a fama, trombeta de obras tais,
 Lhes deu no mundo nomes tão estranhos
 De Deoses, Semideoses immortais,
 Indigetes, Heroicos, & de Magnos:
 Por isso, ò vòs, que as famas estimais,
 Se quizerdes no mundo ser tamanhos,
 Despertai ja do sono do ocio ignavo,
 Que o animo delivre faz escravo.

X C I I I.

E ponde na cobiça hum freo duro,
 E na ambição tambem, que indinamente
 Tomais mil vezes, & no torpe, & escuro
 Vicio da tyrania, infame, & urgente:
 Porque estas horas vans, esse ouro puro,
 Verdadeiro valor não dão à gente,
 Melhor he merecellos sem os ter,
 Que possuillos sem os merecer.

X C I V.

Ou dai na paz as leys iguaes, constantes,
 Que aos grâdes não dem o dos pequenos,
 Ou vos vesti nas armas rutilantes,
 Contra a ley dos imigos Sarracenos,
 Fareis os Reynos grandes & possantes,
 E todos tereis mais, & nenhum menos,
 Possuireis riquezas merecidas,
 Com as honras, que illustrão tâto as vidas.

E fareis

XCV.

E fareis claro o Rey , que tanto amaes ,
 Agora cos conselhos bem cuidados ,
 Agora co as espadas , que immortaes
 Vos faraõ , como os vossos ja passados :
 Impossibilidades não façaes ,
 Que quem quiz sempre pode , & numerados
 Sereis entre os Heroes esclarecidos ,
 E nesta Ilha de Venus recebidos.

